

UM OLHAR SOBRE O SISTEMA ESCOLA-FAZENDA NA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE MANAUS-AM (1979-1993)

A LOOK AT THE SCHOOL-FARMER SYSTEM IN THE FEDERAL AGRICULTURAL SCHOOL OF MANAUS (1979-1993)

Naasson Barbosa Cruz 1
Ana Cláudia Ribeiro de Souza 2

Resumo: Este texto propõe-se a discutir um olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM no contexto de 1979 a 1993. O suporte teórico contou com as contribuições de Antonio Viñao Frago (1995) e Dominique Julia (2001). A metodologia utilizada encontra-se embasada em uma pesquisa de cunho qualitativo, sendo a pesquisa bibliográfica, documental e de campo como metodologia de coleta de dados. Desse modo, inicialmente são apresentados o referencial teórico e o processo metodológico da pesquisa, tendo a cultura escolar como categoria de análise. Posteriormente, foi discutido um olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM, sendo apontado que o seu funcionamento foi bastante dinâmico nesta instituição escolar. Finaliza convidando os pesquisadores a continuarem desvelando o funcionamento deste sistema tanto na Escola Agrotécnica Federal de Manaus como nas outras Escolas Agrotécnicas Federais do Brasil.

Palavras-chave: Cultura Escolar. Ensino Agrícola. Sistema Escola-Fazenda. Escola Agrotécnica Federal.

Abstract: This text aims to discuss a look at the School-Farm System in the Federal Agrotechnical School of Manaus-AM in the context of 1979 to 1993. The theoretical support included contributions from Antonio Viñao Frago (1995) and Dominique Julia (2001). The methodology used is based on a qualitative research, being the bibliographic, documental and field research as data collection methodology. Thus, initially, the theoretical framework and the methodological process of the research are presented, with school culture as the category of analysis. Subsequently, a look at the School-Farm System at the Federal Agrotechnical School of Manaus-AM was discussed, pointing out that its functioning was quite dynamic in this school institution. It concludes by inviting researchers to continue unveiling the functioning of this system both at the Federal Agrotechnical School of Manaus and at the other Federal Agrotechnical Schools in Brazil.

Keywords: School Culture. Agricultural Education. School-Farm System. Federal Agrotechnical School.

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Graduado em História pelo Centro Universitário do Norte. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8426741627741319>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0942-585X>.
E-mail: naasson.barbosa@hotmail.com

Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Mestra em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). 2
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7472602272780097>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0066-7038>.
E-mail: ana.souza@ifam.edu.br

Introdução

O Sistema Escola-Fazenda foi um modelo de funcionamento implantado nas instituições escolares federais que ofertavam ensino agrícola. Este sistema foi introduzido nesses estabelecimentos de ensino durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e tinha como princípio filosófico o lema “aprender a fazer e fazer para aprender”.

Ao longo de sua implantação, este sistema passou por mudanças em seus eixos estruturantes, sendo as Salas de Aulas, as Unidades Educativas de Produção e a Cooperativa-Escola seus principais elementos durante a década de 1980, que deveriam funcionar de forma integrada e interligadas entre si.

A Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM, por sua vez, se insere na história anterior do Campus Manaus Zona Leste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), atualmente localizado na Avenida Cosme Ferreira, Bairro Gilberto Mestrinho, Zona Leste da cidade de Manaus.

A Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM existiu por quase trinta anos (1979-2008). Contudo, o recorte temporal deste texto é referente ao ano de 1979, quando a Escola recebeu essa denominação, até 1993, quando ela se tornou autarquia educacional, o que alterou mais significativamente sua estrutura.

Este texto propõe-se a discutir um olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda nesta instituição escolar no contexto de 1979 a 1993. Para tanto, inicialmente são apresentados o referencial teórico e o processo metodológico da pesquisa, tendo a cultura escolar como categoria de análise. Posteriormente, é discutido um olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM.

Vale destacar que este texto é fruto da pesquisa intitulada “Cultura e práticas escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM (1979-1993)”, produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

A cultura escolar como categoria de análise da Instituição Escolar

Nas últimas décadas a cultura escolar como categoria de análise vem se destacando em estudos que procuram compreender a dinâmica interna e externa das instituições escolares.

Muitos estudiosos, de diversos campos disciplinares, a partir de suas óticas de explicação, têm contribuído para a configuração da categoria de cultura escolar, entre os quais apontamos o historiador espanhol Antonio Viñao Frago e o historiador francês Dominique Julia.

Antonio Viñao Frago é professor catedrático de História da Educação do Departamento de Teoria e História da Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de Murcia (OLIVEIRA; FARIA FILHO, 2011). Sua abordagem de investigação tem abrangido dimensões como: espaços e tempos escolares, práticas de letramento, a cultura material, os livros didáticos, a profissão docente, entre outros.

Viñao Frago prefere falar “cultura escolar” no plural - em “culturas escolares”, devido cada estabelecimento de ensino ou um conjunto de instituições escolares possuírem uma determinada cultura. Para ele, a cultura escolar é um conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, onde

Inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – a história cotidiana do trabalho escolar -, objetos materiais – função, uso, distribuição em espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento... -, e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 68-69).

Desse modo, para o autor, a cultura escolar é toda a vida escolar, ou seja, fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer. No entanto, nesse conjunto, Viñao Frago aponta o espaço, o tempo escolar e a linguagem como aspectos importantes para compreender a cultura escolar, pois, segundo ele, estes elementos

Afetam o ser humano em sua forma plena, em sua própria consciência interior, em todos os seus pensamentos e atividades, de modo individual, grupal e como espécie em relação com a natureza do qual faz parte. Conformam sua mente e suas ações. Conformam e são conformadas, por sua vez, por instituições escolares. Daí sua importância (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

Para Viñao Frago (1995) o espaço escolar não é neutro, pelo contrário, é sinal, símbolo e traço das condições e relações daqueles que o habitam. Neste sentido, o espaço escolar é uma espécie de discurso que institui em sua materialidade alguns marcos para aprendizagem sensorial e motora dos sujeitos escolares, bem como propaga diferentes símbolos estéticos, culturais e até ideológicos.

Já o tempo escolar, Viñao Frago (1995, p. 72) enfatiza que ele é “diverso e plural, individual e institucional, condicionante e condicionado por outros tempos sociais; um tempo aprendido que conforma aprendizagem do tempo; uma construção, em suma, cultural e pedagógica; um “fato cultural”.

Viñao Frago chama atenção para compreendermos os aspectos do espaço e tempos escolares numa perspectiva do olho em movimento, de prestar atenção ao que mudar e observar o quanto nos movemos.

Dominique Julia, por sua vez, tem contribuído muito com reflexões acerca da cultura escolar como objeto histórico, sua perspectiva de análise aborda vários eixos, tais como da análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares. Este historiador foi professor do Instituto Universitário Europeu (Florença) e é especialista em história religiosa e história da educação na época moderna (JULIA, 2001).

Em seu famoso artigo intitulado “A Cultura Escolar como Objeto Histórico”, Julia (2001, p. 10) define o que ele entende por cultura escolar, a qual pode ser descrita “como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

Contudo, Julia salienta que as “normas” e “práticas” não podem ser analisadas sem levar em conta os profissionais que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação.

De acordo com Julia (2001), as problemáticas levantadas pelos estudiosos da Educação da década de 1970 e 1980 haviam sido refinadas significativamente, entretanto, segundo ele, desconheciam em grande parte o estudo das práticas escolares. Diante disso, este autor, sem negar as contribuições fornecidas pelas problemáticas do ensino, propõe aos historiadores da educação a fazer um estudo das práticas cotidianas da escola, do seu funcionamento interno, de buscar compreender o que ocorre nesse espaço em particular.

As duas acepções externadas nos textos de Viñao Frago e Dominique Julia sobre a cultura escolar são complementares neste texto, pois uma aborda sobre o espaço e o tempo escolar e a outra sobre práticas escolares, contribuído assim no olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus no contexto de 1979 a 1993.

Metodologia

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois nesta abordagem possibilita o pesquisador trabalhar com um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, como salienta Minayo (2009).

O procedimento metodológico segue as recomendações de Aróstegui (2006), o qual enfatiza que o procedimento pelo qual o historiador aborda o problema de construir uma representação do histórico e de explicar por que os fatos são como são obedece a mesma lógica que qualquer outro método científico social.

Quanto aos meios, utilizamos a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183) “não é mera repetição do

que já foi dito ou escrito, sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusão inovadora". Já a pesquisa documental nos possibilita complementar as informações sobre a história da instituição escolar pesquisada.

Para a pesquisa bibliográfica consultamos Bancos de Teses e Dissertações, revistas especializadas, e livros que versam sobre a temática. Quanto a pesquisa documental, buscamos informações no Portal da Câmara dos Deputados, na plataforma do GOOGLE, a partir das palavras-chave "Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM" e "COAGRI".

A pesquisa de campo, ela se deu através de uma entrevista, com um roteiro semiestruturado, por meio da plataforma GOOGLE- Meets, com um docente que trabalhou na Escola Agrotécnica Federal de Manaus no período pesquisado. Vale destacar que antes da entrevista o Projeto de Pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do IFAM.

Após a entrevista, ela foi transcrita e ocupou um total de 20 páginas de papel A4, formatado em espaçamento 1,5 entre linhas, fonte Arial e tamanho 12. Na transcrição optamos por usar o termo "Docente" ao referenciar as falas do professor entrevistado, em respeito e garantia do anonimato.

Quanto a técnica na análise dos dados, utilizamos a Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2016), que a define como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (qualitativo ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 48).

Assim, seguimos as três importantes fases recomendada pela autora na Análise de Conteúdo, a saber: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados obtidos.

A primeira fase, pré-análise, compreende a organização do material a ser analisado. Essa fase possui quatro etapas: a leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos, e a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores.

Já a segunda fase consiste na exploração do material, o qual corresponde à administração sistemática das decisões tomadas na pré-análise, através da codificação categorização e inferência.

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados obtidos e a interpretação deles, o qual consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos no material coletado respaldado no referencial teórico.

Após a leitura da entrevista a partir da Análise de Conteúdo foram geradas 11 categorias, das quais duas foram trabalhadas neste texto, uma intitulada "Práticas Escolares nas Unidades Educativas de Produção" e outra "Espaços e Tempos Escolares".

Um olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM (1979-1993).

Como já declarado na introdução deste texto, o Sistema Escola-Fazenda tinha como princípio filosófico o lema "aprender a fazer e fazer para aprender". De acordo com Souza (2011), trata-se de um sistema que teoricamente se fundamentava no desenvolvimento das habilidades, destrezas e experiências indispensáveis à fixação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas.

Para Sobral (2009), este sistema tinha por objetivo proporcionar condições para a efetividade do processo ensino/produção, assim como patrocinar a vivência da realidade social e econômica da comunidade rural, fazendo do trabalho um elemento integrante do processo ensino-aprendizagem, visando conciliar educação-trabalho e produção.

Sua implantação nas instituições escolares federais de ensino agrícola ocorreu durante a Ditadura Civil-Militar e foi fruto dos famosos acordos entre Brasil e os Estados Unidos da América do Norte, inicialmente através do Ministério da Agricultura (MA) e posteriormente

por meio do Ministério da Educação (MEC) junto à Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

De acordo com Sobral (2009), o Sistema Escola-Fazenda foi introduzido na rede federal de ensino agrícola a partir de 1966 como resultado do acordo firmado entre MA – USAID- Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso (CONTAP), através do Projeto CONTAPII – suporte do ensino agrícola de grau médio.

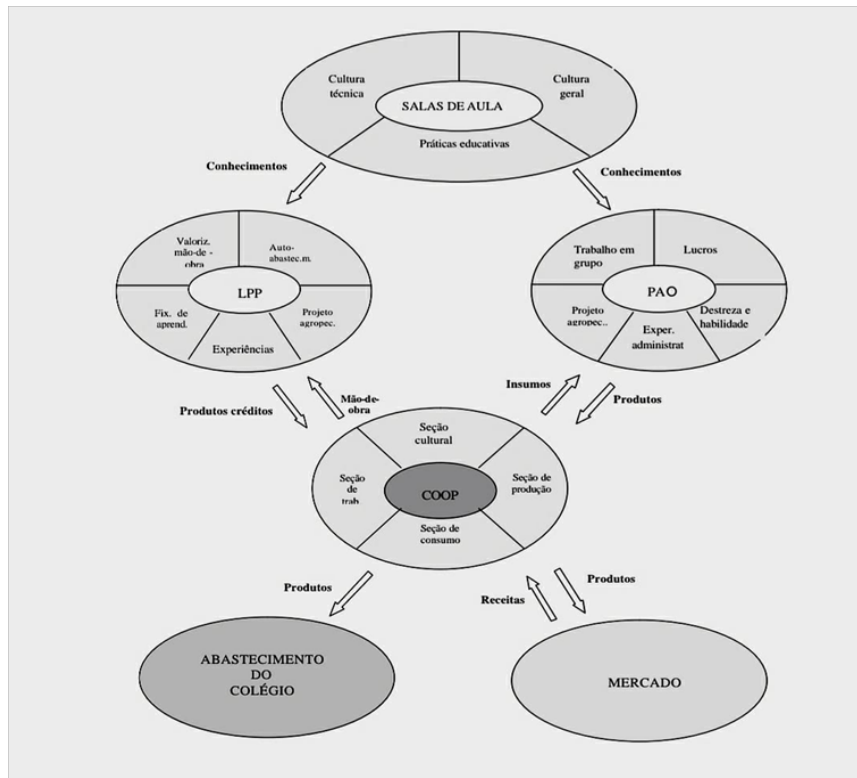
Tavares (2007) destaca que coube ao Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para Formação Profissional (CENAFOR), no ano de 1972, com apoio do Departamento do Ensino Médio do Ministério da Educação, publicar um Manual sobre o Sistema Escola-Fazenda elaborado por 14 técnicos. Neste Manual, conforme Tavares, foram definidos os seguintes objetivos para o Sistema Escola-Fazenda:

- a. Proporcionar melhor formação profissional aos educandos dando-lhes vivência com os problemas reais dos trabalhos agropecuários;
- b. Despertar o interesse pela agropecuária;
- c. Levar os estudantes a se convencerem de que agropecuária é uma indústria de produção;
- d. Oferecer aos estudantes oportunidades de iniciarem e se estabelecerem, progressivamente, num negócio agropecuário;
- e. Ampliar o raio de ação educativa do estabelecimento, proporcionando aos agricultores circunvizinhos e aos jovens rurícolas, conhecimento das práticas agropecuárias recomendáveis;
- f. Despertar no educando o espírito de cooperação e auxílio mútuo.

(TAVARES, 2007, p. 320)

De acordo com Tavares (2007), a partir de 1972 o Sistema Escola-Fazenda passou por alterações em seus eixos estruturantes, sendo então composto por quatro eixos, a saber; Salas de Aulas, Laboratórios de Práticas e Produção (LPP), Programa Agrícola Orientado (PAO) e Cooperativa-Escola (COOP) (observe a Figura 1).

Figura 1. Eixos estruturantes do Sistema Escola-Fazenda (1972).



Fonte: CANAFOR (1972) apud BIULCHI (2005, p. 33).

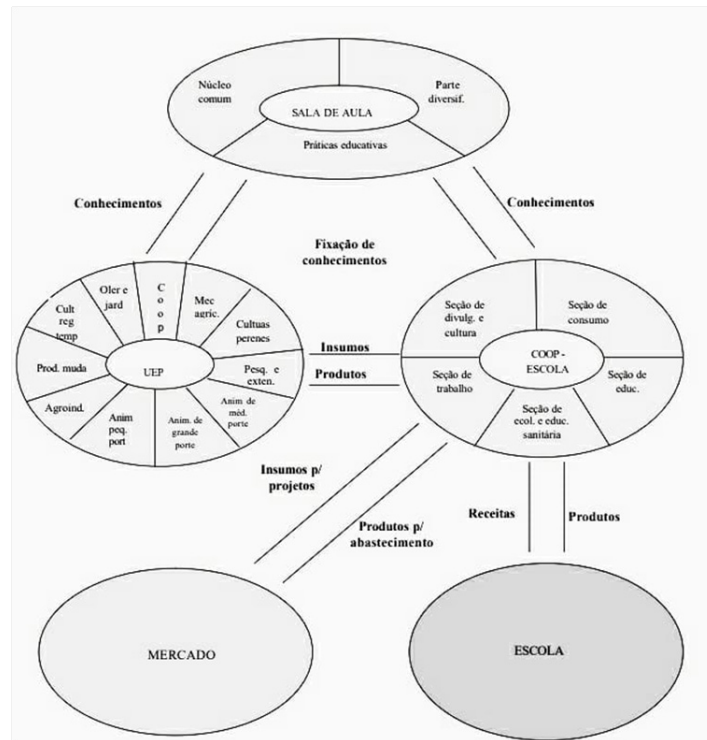
Nas Salas de Aula deveriam ser realizadas as aulas teóricas/práticas sobre Cultura Geral e Cultura Técnica. Já no LPP os professores realizariam suas aulas práticas, com ênfase na valorização da mão de obra; na fixação da aprendizagem; nos projetos agropecuários; o autoabastecimento e as experiências vivenciadas.

Enquanto no Programa Agrícola Orientado desenvolviam-se os projetos coletivos agropecuários, cujo objetivo era criar no aluno o sentimento de trabalho em grupo; a experiência administrativa; a formação de destrezas e habilidades, experiência administrativa, e a obtenção de lucro.

Já na Cooperativa-Escola deveria funcionar com vistas a cooperação e o desenvolvimento coletivo e ficava encarregada do fornecimento dos insumos de produção para os projetos da escola e a comercialização dos produtos agropecuários, além de outras atividades.

Contudo, esses eixos do Sistema Escola-Fazenda passaram por mudanças quando a rede federal de ensino agrícola passou a ser administrado pela Coordenação Nacional de Ensino Agropecuário (COAGRI), que antes possuía quatro e passou a ter três, a saber: Salas de Aulas, Unidades Educativas de Produção e a Cooperativa-Escola (ver Figura 2).

Figura 2: Eixos estruturantes do Sistema Escola-Fazenda (1985)



Fonte: COAGRI (1985) apud BIULCHI (2005, p. 34).

Nas UEP's deveriam ser realizadas as atividades das disciplinas da parte diversificada do currículo, como as disciplinas de: Zootecnia I – onde ocorria o ensino e produção de animais de pequeno porte; Zootecnia II – para o ensino e produção de animais de médio; Zootecnia III – onde ocorria o ensino e produção de animais de grande porte; Agricultura I – para o ensino e produção de olerícolas e jardinocultura; Agricultura II – onde ocorria o ensino e produção de culturas regionais e temporárias; Agricultura III – para o ensino e produção de culturas perenes.

Além desses três eixos estruturantes do Sistema Escola-Fazenda, existia a monitoria, o plantão de final de semana e o rodízio de férias, como atividades complementares ao currículo.

De acordo com Oliveira (2007), a monitoria era exercida pelos alunos da 3ª série nas UEP's e na Cooperativa-Escola; o plantão do final de semana era exercido por professores e por grupos de alunos provenientes das três séries; e o rodízio de férias ocorria nos períodos de férias e recesso escolar, onde os alunos acompanhavam os projetos em andamentos.

Biulchi (2005) sinaliza que o Sistema Escola-Fazenda continuou servindo de para parâmetro de referência para as Escolas Agrotécnicas Federais até pelo menos a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, cujo o texto indicava novas orientações para a educação profissional. Do mesmo modo, Oliveira (2007), aponta que os pressupostos do modelo curricular prescrito no Sistema Escola-Fazenda foram implementados nessas escolas e permaneceram como base da organização pedagógica até a reforma da educação profissional em 1996.

A Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM fazia parte da rede federal de ensino agrícola e durante os anos de 1979 a 1993 ela ficou subordinada diretamente à Coordenação Nacional de Ensino Agropecuário (COAGRI), à Secretaria de Ensino de Segundo Grau (SESG), à Secretaria Nacional de Educação Tecnológica, e à Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC).

No contexto de 1979 a 1993 a Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM ofertava o curso Técnico em Agropecuária em nível de 2º Grau no regime de internato e externato para todo o Estado do Amazonas e também para os Territórios e Estados vizinhos.

A estrutura curricular do curso Técnico em Agropecuária da Escola Agrotécnica Federal de Manaus no início dos anos 1980 estava distribuída conforme o Quadro 1.

Quadro 1. Currículo da habilitação em Técnico em Agropecuária da Escola Agrotécnica Federal de Manaus

Escola Agrotécnica Federal de Manaus											
Currículo - Habilitação: Técnico em AgropecuáriaCréditoHoras - 3.690											
Núcleo Comum	Educação Geral				Formação Especial						
	Disciplinas	Séries			Total de Horas	Disciplinas	Séries			Total de Horas	
1ª		2ª	3ª	1ª			2ª	3ª			
Comunicação e Expressão	Língua portuguesa e literatura brasileira	03	03	02	240	Redação e expressão	-	-	02	60	
	Língua estrangeira	02	-	-	60						
	Educação artística	-	02	-	60						
Estudos Sociais	História	02	-	-	60	Estudos regionais	-	-	02	60	
	Geografia	02	-	-	60						
	OSP	-	-	02	60		Administração e economia rural	-	-	03	90
Educação moral e cívica	-	02	-	60							
Ciências	Matemática	03	03	02	240	Desenho e topografia	-	04	-	120	
	Física	-	02	02	120	Agricultura	02	02	-	120	
	Química	02	02	-	120	Zootécnica	02	02	-	120	
	Biologia	02	02	-	120	Culturas	06	06	08	600	
	Programas de saúde	02	-	-	60	Criações	06	06	08	600	
Outros componentes do Art. 7º da Lei nº 5.692/71	Educação física	03	03	03	270	Irrigação e drenagem	-	-	05	90	
	Ensino religioso	-	01	-	30	Construções e instalações	-	-	05	90	
Educação Geral		21	20	11	1.560	Formação Especial		16	20	29	2.130
Total Geral - 3.690.											

Fonte: Albuquerque (1984, Anexo 2).

O quadro 1 nos permite observar a distribuição da carga horária por disciplina e a quantidade de aulas de cada uma nas três séries do curso Técnico na Escola. Entretanto, essa estrutura curricular passou por alterações ao longo da década de 1980, onde foram incluídas novas disciplinas e a alteração da carga horária de algumas disciplinas existentes, como é demonstrado pelo Documento intitulado “Diretrizes de Funcionamento de Escolas Agrotécnicas” produzido pelo MEC através da SENETE em 1990 (ver Quadro 2).

Quadro 2. Grade Curricular da habilitação de Técnico em Agropecuária das Escolas Agrotécnicas Federais (1990)

QUADRO 1 – Grade Curricular da Habilitação de Técnico em Agropecuária das Escolas Agrotécnicas Federais											
MATÉRIAS	NÚCLEO COMUM				PARTE DIVERSIFICADA						
	DISCIPLINAS	SÉRIES			TOTAL DE HORAS	DISCIPLINAS	SÉRIES			TOTAL DE HORAS	
		1ª	2ª	3ª			1ª	2ª	3ª		
PORTUGUÊS	Língua Portuguesa	3	2	2	210	Redação e Expressão			2	60	
	Literatura Brasileira	1	1	1	90		Estudos Regionais-Sociologia e Extensão Rural			2	60
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	Inglês		2		60	Administração e Economia Rural			2	60	
						Cooperativismo	1			30	
MATEMÁTICA	Matemática	3	3	3	270	Desenho e Topografia		4		120	
						Zootecnia I	8			240	
ESTUDOS SOCIAIS	Geografia História Organização Social e Política do Brasil	2			60	Zootecnia II		6		180	
		2			60	Zootecnia III			8	240	
			2		60	Agricultura I	8			240	
				2	60	Agricultura II		6		180	
CIÊNCIAS	Física Química Biologia	2	2	2	120	Agricultura III			8	240	
		2	2		120	Irrigação e Drenagem			3	90	
		2	2		120	Construções e Instalações				3	90
ARTIGO 7º	Educação Moral e Cívica Educação Física Educação Artística Programas de Saúde Ensino Religioso	1			30	Mecanização Agrícola			2	60	
		3	3	3	270	Indústrias Rurais			2	60	
		1			30	Estágio Supervisionado					360
		2			60						
		1			30						
SUB-TOTAL		23	19	11	1.590	SUB-TOTAL		17	20	28	2.310
Núcleo Comum					1.590	Parte Diversificada					2.310
TOTAL GERAL 3.900											

Fonte: MEC/SENETE (1990, p. 14).

De acordo com Viñao Frago (1995), as disciplinas escolares não são entidades abstratas, assim como não têm uma essência universal ou estática. Segundo ele, as disciplinas escolares:

Nascem e evoluem, surgem e desaparecem; elas se separam e se unem, elas são rejeitadas e são absorvidas. Elas mudam seus conteúdos; também suas denominações. Elas são espaços de poder, de um poder a disputar; espaços que agrupam interesses e agentes, ações e estratégias. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 66)

Desse modo, a Disciplina Literatura Brasileira foi desmembrada da Língua Portuguesa; o Inglês foi adotado como Disciplina da Língua Estrangeira Moderna; na disciplina Estudos Regionais foram acrescentados Sociologia e Extensão Rural; as Disciplinas Agricultura, Zootecnia, Culturas e Criações deram lugar às Disciplinas Zootecnia I, II e III, e a Agricultura I, II e III; e foi incluído na grade curricular as Disciplinas Cooperativismo, Mecanização Agrícola e Indústrias Rurais.

A Disciplina Língua Portuguesa diminuiu uma aula na 2ª série, em compensação Literatura Brasileira ganhou três aulas, uma em cada Série; Matemática ganhou mais uma aula na 3ª série; Educação Artística e Educação Moral e Cívica perderam uma aula cada e passaram a ser ministradas na 1ª série; Administração Rural perdeu uma aula; a disciplina Cooperativismo possuía uma aula na 1ª série; Mecanização Agrícola e Indústrias Agrícolas tinham duas aulas cada na 2ª série; e o Estágio Supervisionado passou a ser exigido 360 horas.

Como é possível observar no Quadro 2, o currículo do curso Técnico em Agropecuária das Escolas Agrotécnicas Federais era constituído por disciplinas escolares tanto do Núcleo Comum como da Parte Diversificada.

Desse modo, enquanto algumas turmas permaneciam em Sala de Aula ou em outros espaços da Escola para as aulas teóricas/práticas das disciplinas do Núcleo Comum e algumas da Parte Diversificada, outras eram distribuídas nas UEP's para atividades das disciplinas da Parte Diversificada (MEC/SENETE, 1990).

Já a dinâmica do espaço-tempo nas UEP's, um dos eixos Sistema Escola-Fazenda, na Escola Agrotécnica Federal de Manaus é descrita da seguinte forma por um Docente que trabalhou nesta instituição escolar no período de 1979 a 1993:

Na realidade eram criados vários setores, aí tinha o setor que chamavam dos animais, chamado Zootecnia, tinha I, II, III, era pequeno animais, médios animais e grandes animais, aí você vai imaginando, os pequenos, galinha, pato; médios animais, porco cabra; grandes animais, vaca, cavalo. E, na parte da Agricultura, era justamente essa, horticultura, que era as plantas pequenas de horta, couve, alface, pimenta; as anuais, milho arroz, essas coisas; e as permanentes, que era laranjeira, cafeeiro, cupuaçu, essas coisas que ficam lá vários anos. Tinha esses setores, aí cada setor desse, dependendo da quantidade de alunos, pegava a turma e dividia em grupos e ficavam fazendo rodízio [...], cada semana ficava rodando, vamos supor, hoje você ia para a horta, na outra semana você ia, ia criando rodízio, pequenos animais, grandes animais [...] (DOCENTE, 2021, p.12).

De acordo com o Documento do MEC/SENETE (1990), cada UEP tinha uma sala de aula ambiente onde eram ministradas as aulas teóricas de Zootecnia e Agricultura. Porém, conforme o referido Docente, as salas de aulas não tinham no início, elas só foram implantadas com um tempo.

Quando começou, vamos supor, você descia num determinado setor você só ia fazer a prática agrícola ligada àquele projeto, por exemplo, [na] cultura da laranja, você ia só capinar, adubar, essas coisas, podar, colher laranja.... Nos animais a mesma coisa: criar galinha, a gente só ia para aquele ambiente onde estava a galinha, alimentar, fazer limpeza, dar vacina, essas coisas, dar remédio, chamava-se manutenção dos setores. Então tinha isso aí, depois de um certo tempo veio orientação de Brasília que ficava melhor se antes você tivesse duas horas de aula ou pelo menos uma hora para depois ir para a prática, aí começaram a fazer sala de aula lá perto das práticas, ligadas às práticas, você chegava lá entrava na sala de aula e depois ia para as práticas propriamente dita [...]. (DOCENTE, 2021, p. 11).

O Docente concluiu fazendo uma síntese de alguns espaços e tempos escolares, onde estão incluídas as Salas de Aulas e as Unidades Educativas de Produção, eixos do Sistema Escola-Fazenda, da Escola Agrotécnica Federal de Manaus no contexto de 1979 a 1993.

Tinha a sala de aula normal. A sala de aula normal, era assim, era mais ou menos uns 35 alunos numa sala, em média, e naquela época tinha os ventiladores, mas, depois de um certo tempo, entrou o ar-condicionado [...]. Mas tinha isso, esses espaços, e a parte prática era nos setores, no setor de animais, no setor de plantas, era dividido em animais de pequeno porte, de médio e grande porte; e as plantas de ciclos, pequenas plantas, médias e as permanentes. Tinha esses setores lá que ficavam fazendo rodízio e tinha um horário lá que era para Educação Física, que era feito no campo, na quadra, na piscina. (DOCENTE, 2021, p. 13 -14).

Desse modo, apontamos um olhar do Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM no período de 1979 a 1993. Porém, destacamos que não encontramos fontes suficientes para discutirmos neste artigo o eixo Cooperativa-Escola do Sistema Escola-Fazenda nesta instituição escolar.

Considerações Finais

Nossa proposta neste artigo foi de discutir um olhar sobre o Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM no período de 1979 a 1993, utilizando a categoria cultura escolar na acepção de Antonio Viñao Frago (1995).

Assim, apontamos que o Sistema Escola-Fazenda passou por alterações ao longo de sua implantação nas instituições escolares federais de ensino agrícola, de modo que nos anos 1980 tinha como eixos centrais as Salas de Aulas, as Unidades Educativas de Produção, e a Cooperativa-Escola.

Além disso, foi discutido o funcionamento do Sistema Escola-Fazenda na Escola Agrotécnica Federal de Manaus através do relato de um Docente que trabalhou nesta instituição no período de 1979 a 1993.

Diante do exposto, é possível constatar que o funcionamento do Sistema Escola-Fazenda nesta instituição escolar foi bastante dinâmico. Desse modo, esperamos que este artigo incentive outros pesquisadores a continuarem desvelando a dinâmica deste Sistema tanto da Escola Agrotécnica Federal de Manaus quanto das outras Escolas Agrotécnicas Federais.

Referências

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.
- ALBUQUERQUE, Maria José Ramos de. **Os técnicos na produção dos ribeirinhos do Amazonas**. 1984. 290 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 1984.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BIULCHI, Paulo Vitório. **A Educação Agrícola no Sistema Escola-Fazenda e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: uma análise crítica da disciplina de Mecanização Agrícola**. 2005. 32 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2005.
- DOCENTE. **Entrevista cedida por um professor da Escola Agrotécnica Federal de Manaus -AM para confecção da dissertação intitulada “Cultura e práticas escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM (1979-1993)”**. Cedida em 04 mar. 2021.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MEC/SENTE. **Diretrizes de Funcionamento das Escolas Agrotécnicas**. Brasília, 1990.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, Aurélio Taborda de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Antonio Viñao Frago: a crítica da educação como crítica cultural. In: REGO, Cristina Teresa (org.). **Memória, história e escolarização**. Petrópolis: Vozes; São Paulo, SP: Revista Educação; Editora Segmento, 2011. (Coleção Pedagogia Contemporânea, Vol. 3).
- OLIVEIRA, Gleice Izaura da Costa. **De Patronato Agrícola à Escola Agrotécnica Federal de Castanhal: o que a história do currículo revela sobre as mudanças e permanências no currículo de uma instituição de ensino técnico?** 2007. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2007.
- SOBRAL, Francisco José Montório. Retrospectiva Histórica do ensino agrícola no Brasil. **Revista brasileira da educação profissional e tecnológica**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 78-95, 2009.
- SOUZA, José Eurico Ramos de. **As Reformas da Educação Profissional e a diversidade cultural: um estudo de caso na Escola Agrotécnica de São Gabriel da Cachoeira**. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2011.
- TAVARES, Carlos Alberto. A formação do técnico em agropecuária no Sistema Escola–Fazenda. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**. Recife, vol. 4, p.314-339, 2007.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, s/n., p. 63-82, 1995.